



ENTREVISTA/MISCELÂNEA

## ENTREVISTA COM ANA ELISA RIBEIRO

RODRIGO FELIPE VELOSO

### **Rodrigo Felipe Veloso**

Doutor em Letras (Estudos Literários).

Professor do Departamento de Comunicação e Letras da  
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/002870040198024>.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-7840-584X>.

E-mail: [rodrigof\\_veloso@yahoo.com.br](mailto:rodrigof_veloso@yahoo.com.br).



Ana Elisa Ribeiro é Professora Titular do Departamento de Linguagem e Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), onde atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, no bacharelado em Letras (Tecnologias da Edição) e no ensino médio integrado (Redação). É doutora em Linguística Aplicada (Linguagem e tecnologia) e mestre em Estudos Linguísticos (Cognição, linguagem e cultura) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde também se bacharelou e licenciou em Letras/Português. Tem estágios pós-doutorais na PUC Minas, na Unicamp, na UFMG e na Universidad Nacional de Córdoba (Argentina). Entre outros, é autora dos livros *Multimodalidade, Textos e Tecnologias* (Parábola, 2021), *Como nasce uma editora* (Entretantas, 2023) e *Linguística aplicada – ensino de português* (Contexto, 2023). É autora de livros e publicações literárias, incluindo um prêmio Jabuti Juvenil, e diretora de coleções de livros acadêmicos e literários. Pesquisa Mulheres Editoras no Brasil (Fapemig, Anpoll). É pesquisadora do CNPq. Sua produção pode ser encontrada no site [anadigital.pro.br](http://anadigital.pro.br). Nesta entrevista, Ana Elisa conversa sobre seu contato com as letras, com a produção literária e científica, bem como, de modo geral, sobre seu trabalho docente e profissional. Temas como livro-objeto, narrativas híbrida, multimodal e *crossover* também se integram nessa discussão produtiva e diversificada.

*“A escrita e suas tecnologias sofrem interessantes metamorfoses, numa ciranda que vai do simples bilhete aos originais de um livro”.*

Ana Elisa Ribeiro

**P.: Quais são os elementos responsáveis por sua entrada e inscrição na cultura escrita? O que ou quem a influenciou?**

**R.:** Muito do que somos e nos tornamos é reprodução, como já sabemos, mas como isso não é determinístico, há uma brecha para novos horizontes, além dos mistérios que não conseguimos

explicar. Nasci em uma família em que meus pais tinham curso superior, embora meus avós tivessem pouca escolaridade. Essa não é uma história só particular; é também uma história social, porque isso mudou para muita gente e vem mudando, embora esteja longe de alcançar toda a população. Meus pais não são leitores contumazes de livros, mas revistas e jornais sempre estiveram disponíveis em casa. Nesse sentido, minha paixão pelos livros provavelmente foi despertada na escola, não sei ao certo como e nem por quem. Sei que me lembro de *querer* muito saber ler, *desejar* ser alfabetizada, então isso aconteceu na minha primeira infância. Dali em diante, encontrei duas pessoas a quem pedi livros emprestados, sem restrições de qualquer natureza: minha avó materna e minha tia mais jovem, apenas 11 anos mais velha do que eu. Foram esses empréstimos e os da biblioteca, instalada em uma espécie de porão da escola pública municipal, que me deram uma formação inicial como leitora de literatura, mesmo que eu ainda não encontrasse muitos interlocutores, nem sequer entre os professores. Mais tarde, fui juntando o dinheiro do lanche para comprar livros, descobri a existência de uma livraria no centro da cidade, passei a ser consumidora, descobri que tinha o desejo de ter estantes e uma biblioteca particular. Mas tudo isso vem do meu amor pela língua portuguesa, do prazer por ouvir histórias, que não era um apreço apenas pela narrativa, mas pela forma, pelas palavras, pela sonoridade, pela concatenação entre palavras e frases. Passei a ler *querendo escrever*, que é um outro processo. E aí não encontrei interlocutores mesmo, ao menos até a minha vida adulta. Na escola, isso é sempre complicado. Posso dizer, até

aqui, que minha inscrição na cultura letrada tem relação então com minha família, que dava algum valor a isso; com a escola e a biblioteca que estava lá, ao meu dispor (e eu dispunha); com as livrarias da cidade; e com alguma coisa que veio comigo e que me move até hoje, que é esse gosto pela língua, pela linguagem, um modo de atentar, de apreciar, que foge à banalidade. A língua não era e não é algo que eu somente *uso* ou de que eu disponho de maneira superficial e instrumental; ela é um elemento de enorme atenção para mim, todo o tempo. Daí meu interesse por todas as tecnologias dela, orais e escritas. Além da minha avó e da minha tia, algumas pessoas me ajudaram a ler, no sentido de fazerem curadorias informais, me indicarem livros, me emprestarem, me darem de presente. Uma delas é a jornalista e poeta Luciana Tonelli, no final da minha adolescência, quando fui namorada do irmão mais novo dela. O contato com eles mudou minha vida, embora eu tenha sido pouco sábia para aproveitar isso. Eram pessoas leitoras da literatura contemporânea, Luciana era escritora, e isso me abriu novas portas.

**P.: Como surgiu o nome “Ana Digital” e como ele se conecta em sua história de vida, em especial de sua relação com a tecnologia?**

**R.:** Sou de uma geração que testemunhou muito jovem a abertura do comércio brasileiro ao mundo, nos anos 1990. Os computadores e a Internet chegaram para nós quando tínhamos menos de 20 anos. É claro que isso não era popular, mas já existia e já sabíamos. Meus trabalhos de escola chegaram a ser feitos no computador e impressos em uma impressora matricial, no início dos anos 1990, porque minha tia, a mesma que me emprestava livros, era engenheira civil e tinha um computador. Como as tecnologias

de ler e escrever sempre me interessaram, não tive medo delas, corri para aprender. Fui me inteirar dessas máquinas, participei de salas de chat, tive e-mail, blog etc., logo que essas coisas chegaram. Na faculdade, fazendo Letras, o assunto era longínquo ainda, mas já havia um laboratório de informática, e eu fui “rata” dele. Não saía de lá, com isso conheci muita gente, inclusive grupos de interesse em literatura e música, como se fossem pré-redes sociais. Daí surgiu a ideia do “ana digital”, meu *nick name*, como dizíamos, que tinha tudo a ver comigo. Meus e-mails sempre foram anadigital, assim como sites. Mas, ao contrário do que muita gente pensa, esse “ana” não diz respeito só ao meu nome, mas à ideia de “analógico”. Naquela época, havia uns modelos de relógio de pulso (que sempre adorei) que vinham com dois mostradores, um analógico (os ponteiros) e um digital, e eles se chamavam relógios anadigitais. Então minha paixão por todas essas tecnologias também aparece aí, nunca achei que fossem excludentes.

**P.: Como a poesia de Paulo Leminski a influencia pessoal e profissionalmente?**

**R.:** Descobri a poesia do Leminski meio por acaso, ou posso dizer que por desobediência e curiosidade. Em alguma série do ensino médio, quando recebemos apostilas novas de literatura, a professora mandou saltar algumas páginas. Mas eu não saltei, claro. Como eu gostava de literatura e sempre fui meio obsessiva, queria saber todas as páginas do material novo. Estava longe de ser uma aluna “caxias”, diga-se de passagem, mas era apaixonada por Português, Inglês e Literatura. Daí que fui ler o que era para pular, e me deparei com um poema breve do Leminski,

de quem eu nunca tinha ouvido falar. Eu já amava poesia, por minha conta, lia muito e escrevia nos fundos de caderno, mas o Leminski mudou imediatamente minha concepção de poesia, verso etc. Eu pensei: mas isso pode? E me identifiquei completa e imediatamente. Tomei inclusive mais coragem para escrever. Daí passei a mexer na minha própria dicção poética, comprei vários livros dele (que na época não eram tão fáceis de achar, contei com amigos para isso), li muito, escrevi. Então conhecer a poesia dele me influenciou como leitora, como poeta e como professora, porque, anos mais tarde, quando fui docente em uma escola particular de Belo Horizonte, já no comecinho do século XXI, fui demitida porque indiquei para leitura um livro do poeta curitibano e um dos poemas tinha a palavra “merda”. Pois é, não é de hoje... E como os pais e mães e a própria escola tinham uma visão de que poesia é algo limpo, nobre, bonito, meio sagrado, o livro do Leminski era uma afronta, e palavra feia certificava de que aquilo não podia ser poesia de verdade. Pronto. Quem levou a bronca fui eu, que voltei para casa me sentindo bem humilhada, pensando se aquela profissão seria possível, se ensinar literatura contemporânea seria viável. Até hoje acho que não é.

**P.: Em seu memorial defendido para aprovação como professora titular no Cefet – MG, em 2020, você afirma que “a poesia ajuda a respirar, nesta vida de poucos sentidos. A poesia é o que tenho de mais meu, há mais tempo”. Nesse sentido, percebe-se que o ensino da poesia na escola é de todo “negligenciado”. Como avalia esse ponto no contexto escolar e social?**

**R.:** Sim! Não sei nem se a melhor palavra é “negligenciado”, porque o que fazem com a poesia, com a literatura, de maneira geral, é

pior do que isso. É uma espécie de fingimento compulsório. Nas escolas privadas, onde o aluno é cliente, não tem nem discussão. Tudo precisa ser muito filtrado e censurado para caber nas cabeças de todos e ser possível. Até os clássicos podem sofrer algum tipo de represália. Isso sempre existiu, e em algumas épocas fica mais intenso. Outro aspecto é a maneira como a poesia pode ser abordada, de um jeito estéril. Lembro bem de atividades em que a graça era ler um poema para encontrar nele palavras e suas classes gramaticais, sujeito e predicado etc. Uma neutralização da leitura poética. Porque para ler poesia, a leitura precisa ser poética. E é bobagem a universidade vir dizer ao professor e à professora da escola básica que é preciso desafiar, ter autonomia e blablablá. Nós não temos. Você precisa proteger o seu emprego, e isso é prioritário. Na escola pública, isso é menos tenso, mas também não é o melhor dos mundos. Não dou aulas de literatura há uns 16 anos porque desisti de fazer isso dentro do currículo. Só faço por fora dos limites.

**P.: Você publicou, em 2016, o livro intitulado *Textos multimodais, leitura e produção*. Tal obra é resultado de uma pesquisa sobre textos multimodais no ensino médio. Qual a orientação de trabalho com essa modalidade textual para o Ensino Médio? Os estudantes vivem na realidade social sempre conectados e com relação à sala de aula, como essa conexão acontece levando-se em conta o trabalho multimodal e digital?**

**R.:** Primeiro é preciso dizer que todos os textos sempre foram multimodais. Não temos a experiência de textos abstraídos de suas formas, materialidades e circulações. Dito isso, posso dizer que o que mudou foi o jeito de ver e de abordar os

textos. Hoje essa visão é predominante, hegemônica, porque está inclusive na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mas nem todo mundo compreendeu ou estudou a abordagem que enxerga os textos como multimodais. A ideia é trabalhar os textos pensando em todas as suas camadas de produção de sentidos, e não apenas a palavra. Não é um deslocamento da palavra para um lugar menor, de forma alguma. É a noção de que outras linguagens compõem os sentidos naquele mesmo texto. Nós, que nos formamos em Letras, não víamos assim e é um desafio ver. Não apenas os estudantes, mas todos nós vivemos rodeados de tudo isso. Não é uma questão apenas para jovens. É uma abordagem para todos e todas nós. Na sala de aula, nós, profissionais da educação, temos é de sistematizar isso, tornar as coisas mais conscientes e fundamentadas. O multimodal não diz respeito apenas ao digital, mas a tudo. O digital é mais uma camada a ser considerada, sistematizada. O barato é que tudo isso é muito mutante, então temos de ficar sempre atentas e atentos. A orientação para a educação básica é tratar os textos em sua integralidade de linguagens e tê-los como eixo do ensino de língua. E isso não está apenas na BNCC, mas em documentos que remontam há 30 anos ou mais. É lento, é difícil, mas vem acontecendo. Uma visão menos integrada, e muito forte, está em disputa no espaço da escola e da docência, como discurso e como modo de ensinar, mas vai sendo substituída aos poucos, à medida que os cursos de Letras vão se modernizando e reformando (isso também é lento, mas é obrigatório), os professores vão estudando continuamente (quando podem) e o debate vai se qualificando nesse sentido.



**P.: Sobre o processo de escrita aliado a tecnologia, percebe-se um reposicionamento de ambos que dá luz a heterogeneidade de oportunidades e reações. A ideia não é de exclusão, mas de integração. Diante disso, como analisa tal relação e como ela implica em seu trabalho docente e como escritora?**

**R.:** Sim, a ideia é integrar. Hoje precisamos de tudo, e os usos são especializados. Precisamos do computador para muitas coisas, precisamos do manuscrito para outras. Há limites que são impostos fora de nós. Meu trabalho docente fica abalado por essas mudanças, claro, embora eu seja uma professora formada já neste nosso tempo. Bobagem dizer que apenas professores muito mais jovens do que eu possam se atentar para essas questões. Estamos todos juntos na escola, e maneiras mais tradicionais ou convencionais de ensino independem de idade. Estou dizendo que há limites fora de nós porque me deparo com eles todo o tempo. Sou uma professora super qualificada, inclusive no tema das tecnologias e ensino de língua, mas o campus em que atuo não me oferece uma sala de aula, nem qualquer outro espaço físico, que me permita executar meu potencial e os dos meus alunos. Os espaços físicos de aulas de leitura e produção de textos precisam mudar junto com as abordagens, mas de um jeito inteligente, não de maneira escandalosa e para usos políticos. Como docente, na educação básica e na superior, atuo dentro dos limites possíveis, como todos os meus colegas. Como escritora, posso experimentar mais, pensando em obras e livros que brinquem com a linguagem e com esses limites.

**P.: Você é muito dinâmica e diversificada em seu trabalho profissional, especialmente pelas publicações e o site que mantém, sempre**

## **alimentando com novidades de produção intelectual. Durante a pandemia, como ocorreu essa experiência?**

**R.:** A pandemia foi um momento terrível para o mundo, uma crise enorme, claro, então o que vou dizer não ameniza nem desconsidera isso. Durante a pandemia consegui trabalhar muito, ler, estudar, escrever, experimentar. Dei muitas aulas, mas já tinha uma experiência de mais de dez anos em uma especialização online na UFMG, então não me senti insegura sobre o que fazer. A diversificação de experiências nos dá exatamente isto: ginga. Sempre fui mentalmente inquieta, ansiosa, uma pessoa que não gosta de ficar à toa. Nesse sentido, não mudou nada. Na pandemia, não pude sair às ruas, mas isso não me incomoda. Gosto muito do *home office*. Uma geração que sempre fez bons parceiros virtualmente não estranha isso. O que acontece é que há pessoas que se adaptam bem ao ensino por meios digitais, tanto alunos quanto professores, e há pessoas que não se adaptam. Na mesma lógica da multimodalidade, o interessante é que exista de tudo, de boa qualidade claro, e que as pessoas possam escolher e aproveitar. A pandemia me deu chance de finalmente organizar meu site, para que as pessoas que me procuram pudessem encontrar tudo num mesmo lugar. Era difícil responder com links esparsos, eu mesma os perdia. Então o site é um *hub*, um espaço de arquivo, acervo, conexão. E só foi possível porque eu estava em casa, tendo de volta meu tempo de deslocamento (engarrafamentos, filas de estacionamento), aquelas janelas terríveis entre aulas etc. Isso é tempo de trabalho perdido. Mas não estou dizendo que devemos trabalhar o tempo todo. O que estou dizendo é que na pandemia desperdicei menos e me organizei mais.

**P.: A partir da experiência como professora no bacharelado em Letras/Edição do CEFET-MG e como colaboradora de casas editoriais de variados portes, como foi editar e publicar durante o período pandêmico?**

**R.:** Editar e publicar, desde a virada do milênio, podem ser feitos completamente on-line, à distância. Na pandemia isso só ficou mais evidente. Fiz vários trabalhos assim, com alunos e alunas, de vários níveis de ensino, e com colegas em editoras. Uma parte das pessoas escreveu mais durante a pandemia, finalizou projetos parados, leu mais. Isso se refletiu no maior consumo de livros, num *boom* de clubes de leitura, no crescimento do mercado editorial, na enxurrada de originais que chegou às editoras quando a crise se amenizou (e as editoras não davam conta de atender). Ler, escrever e estudar têm a ver com tempo, um tempo lento. O mundo acelerado de hoje é contraproducente nesse sentido. Só o que for fácil e padronizado terá melhores condições.

**P.: Pensando, pois, numa pedagogia dos multiletramentos, temos o estudioso Gunther Kress, entre outros. Ele colaborou num documento que retoma uma abordagem anterior (a dos letramentos), sem com ela romper, e, a partir de então, sugere uma suplementação, que apresentaria o novo nome de multiletramentos. Qual foi o impacto desse processo metalinguístico nas formas de abordar o ensino de línguas em sala de aula?**

**R.:** Não é (ou não deve ser) apenas metalinguístico. A ideia deles, o grupo de dez professores que se reuniu nos anos 1990, era a de que a educação precisava mudar, já que o mundo e as relações estavam mudando a passos largos. Claro, eles viam isso dos

seus pontos de vista, em países desenvolvidos. Percebiam uma mudança nas práticas sociais de leitura e escrita, por exemplo, que precisavam ser contempladas pela escola. Viam na escola essa responsabilidade, esse compromisso com a formação de cidadãos (multi)letrados. Isso teve impacto grande no Brasil. Não sei se em outros países, tal como aqui, porque cada país tem seus circuitos de influência. O Brasil tende a absorver com certa facilidade as ideias e propostas do primeiro mundo, inclusive sem filtro, às vezes. A proposta do New London Group (NLG) sugere uma abordagem da língua e dos textos mais inclusiva, diversa, socialmente responsável, multicultural etc. Isso chegou até nós por meio da universidade, mas não creio que tenha se assentado ainda, de fato, nas salas de aula. Claro, esses processos são lentos, e não é só porque pode haver indisposição e apatia. Uma parte dessa demora pode ter relação justamente com limites e filtros que estão fora de nós (as condições reais das escolas e dos estudantes, por exemplo, além dos professores e professoras) e algum senso de praticidade, viabilidade e identidade que possamos ter. É ótima a ideia de que nossas aulas estejam mais alinhadas ao que acontece no mundo, em nossas vidas, mas sem seguir fluxos impensados, para os quais fomos apenas empurrados, que é como me sinto, de vez em quando, e acho que mais gente se sente também. Em termos teóricos, muitos livros foram publicados sobre os multiletramentos, vários deles mostrando situações e propostas práticas, “como fazer”, mas ainda temos chão pela frente, tanto na profunda compreensão dessas mudanças, quanto para pô-las em prática. Ademais, já tínhamos uma reflexão relevante e importante sobre os letramentos, via

Magda Soares e Angela Kleiman, por exemplo, para citar apenas duas gigantes. Bom, se as coisas vêm mudando nas abordagens do ensino de língua, isso tem a ver com documentos oficiais (que modelam e até forçam a transição, de cima para baixo), com os livros didáticos (que correm para atender e vender mais), com as formações docentes em todos os níveis etc. Nisso passa a acontecer uma mudança de metalinguagem. Mas, da proposta do NLG, alcançou mais amplamente a escola a noção geral de multiletramentos. Vejo também a noção bem polissêmica de *design* chegar aqui e ali, mas sem tanto êxito. Outros aspectos da proposta me parecem ficar num âmbito mais universitário, em pretensa interação com a educação básica. Finalmente, acho importante dizer que há uma clara separação entre pessoas que se formam para dar aulas de língua e as que vão para a literatura. Isso é uma cisão produzida dentro das universidades. Se as escolas da educação básica separam as matérias e os professores, é muito confortável para eles, e aí teremos especialistas em língua ou em literatura. Mas quando não separam, dificilmente uma pessoa “da literatura” se dispõe a se inteirar dessas questões que estão muito no âmbito da linguística (e vice-versa). Essas noções de multiletramentos, e mesmo as de ensino de língua e tecnologia, alcançam mais quem pende para o lado do ensino de língua e linguística. Fica mais difícil alcançar a totalidade das questões em sala de aula. De todo modo, quem precisam estar antenados são o professor e a professora de língua, em especial.

**P.: Pensando no livro enquanto objeto mutante e múltiplo, ele pode ser visto juntamente com a escrita sendo a mais incrível tecnologia surgida?**

**R.:** O livro é uma tecnologia incrível, que inclui várias outras, então podemos pensar nele como um *pool* de microtecnologias, uma espécie de constelação, para brincar com uma palavra que é usada também para tratar dos gêneros textuais. Num livro, estão tecnologias do papel, da diagramação, das costuras e colas, do design gráfico, dos modos de escrever, entre outras. E de uns anos para cá, tendemos a pensar nele, o livro impresso, em contraposição ao livro digital, quando, na verdade, podemos pensar nele como parte dessa mesma constelação de tecnologias de fazer livros. As pessoas chamam os arquivos que leem no Kindle de livros. As práticas sociais nos informam sobre como as coisas têm sido vistas, entendidas, operadas. Isso me parece incrível, muito mais do que um esforço de classificar e prescrever acima ou fora do que as pessoas efetivamente fazem. O livro é tão mutante, que sobrevive há milênios e parece que não dará moleza para outras tecnologias que se achem predadoras dele.

**P.:** **A escola é espaço de embate de discursos, dos mais controlados e a literatura por lá é selecionada e pouco trabalhada. De modo geral, no ambiente escolar ainda não se aderiu a leituras feitas em suportes digitais? Na sua percepção, o que precisa ser feito para que isso se concretize e torne a vida escolar dos alunos mais digital?**

**R.:** De modo geral, a escola ainda força a leitura do livro impresso, o que não é ruim. O livro impresso precisa mesmo estar lá, porque ainda é a tecnologia mais democrática, com todas as críticas ao seu preço e às dificuldades de sua circulação. O Brasil tem uma das mais robustas e efetivas políticas públicas de compra e distribuição de livros para escolas do mundo. Mas a leitura digital

não é menor, nem pior. Se considerarmos os *smartphones* como projetores de livros, pode ser que a leitura fique mais acessível neles. É claro, vamos encontrar muitas questões aí, tais como a pirataria, mas pensando apenas na leitura, na maneira de acessá-la, o celular é uma ferramenta poderosa e capilarizada. Há muitas razões para a escola impingir o livro impresso, uma delas é o lobby das editoras grandes. Não sejamos ingênuas de achar que tudo acontece porque as escolas estão só comprometidas com uma leitura mais concentrada e off-line. Mas é importante entender que tudo são tecnologias e modos de ler, e que as pessoas terão acessos diversos a isso. Num texto anterior (*Sem modo avião*, publicado na revista Comunicação & Educação, da USP), mostrei os dados de uma pesquisa que fizemos com adolescentes no CEFET-MG. É muito legal a maneira como eles livremente transitam entre as tecnologias, sem qualquer cerimônia (e isso não acontece só com jovens). Algumas escolas têm oferecido plataformas de livros digitais pagas, com curadorias e tal. É outra questão complexa também. Acho que, afinal, a escola, no geral, tem atuado como uma espécie de embreagem na relação entre leitura e tecnologias. Ela desconecta um pouco as coisas, que ficam rodando meio que em mundos paralelos. Não sei se a escola deveria ser mais digital, nesse sentido. Acho que ela deveria, sim, ser mais diversa, também em termos tecnológicos.

**P.: Quais são as implicações da sociedade em sua produção escrita?**

**R.:** Estou preocupada com tudo o que acontece ao meu redor. Estou indignada com uma série de coisas que dizem respeito ao meu país, às nossas vidas, condições de trabalho, aposentadorias, organização e condições das escolas. Nada disso passa em

brancas nuvens. Minha escrita vai tocar nisso, de alguma maneira, seja em meus textos acadêmicos, seja nos literários. Meus livros juvenis mais recentes brincam muito com as tecnologias digitais em nossas vidas e nas dos personagens, fazem adaptações que querem provocar a reflexão, mas também chamar à ação e às experimentações.

**R.: As narrativas híbridas traduzem em narrativas compostas e contadas por palavras e imagens e as duas linguagens são complementares, resignificando, portanto, o texto literário. E nessa ciranda, adentra a multimodalidade ou nas palavras de Sadokierski (2010), o termo multimodal implica a coexistência de texto e imagem pareados, em suas “formas originais”. Assim sendo, o elemento híbrido indica a fusão da palavra e da imagem, originando um novo texto. Nesse percurso, a discussão do texto híbrido pode ser questionada do ponto de vista da autoria? O livro sendo produzido conjuntamente revela um processo de coautoria?**

**R.:** Essa é uma discussão antiga no meio editorial, entre as pessoas envolvidas com livros álbum, livros ilustrados etc. Não sei se podemos chamar de “híbridos”. O fato é que palavra e imagem sempre podem andar juntos, sem redução da importância desses modos semióticos. Em cada caso, eles são modulados (palavra que prefiro e uso) em proporções diferentes, o que pode gerar efeitos diversos, mas não dá para falar apenas em complementação, por exemplo. Os artistas visuais dizem, com mais radicalidade do que nós, que não há uma relação de tradução entre palavra e imagem. Os modos têm suas peculiaridades e são simplesmente distintos. E ficam horrorizados quando linguistas tentam adaptar



teorias da palavra para o âmbito das imagens. Fica parecendo que a imagem é sempre um secundário, um apoio. Cada um puxa a sardinha para a sua brasa. O que me parece, do ponto de vista dos estudos de edição, é que obviamente são autorias. Se o autor das palavras é um e o das imagens, outro, eles são coautores. Mas é bem comum que os produtores de imagens se tornem também os autores das palavras. O contrário é mais complicado, mas também existe. Importa pouco o que vem primeiro. É certo que os processos são muito diferentes, assim como as habilidades envolvidas. Sou uma escritora de palavras que não consigo pensar por imagens. Até tento, mas não sai direito. Nem estou falando em desenhar ou pintar, estou falando em pensar por imagens. Gosto muito que outros artistas venham escrever comigo, com suas linguagens. No entanto, as regulações do mercado editorial e da burocracia nos separam, muitas vezes em meu benefício, mesmo que o trabalho do ilustrador ou da ilustradora seja absolutamente fundamental para o livro que se compõe. Mas isso vem sendo entendido e mudado. Ilustradores são autores em muitos contratos já. Outra coisa importante é dizer que palavra e imagem não são a única configuração do que chamamos de texto multimodal. Um texto é multimodal mesmo sem imagens (no sentido de foto, desenho, ilustração etc.).

**P.: Entende-se por narrativa *crossover* a inclusão de, dois ou mais, cenários ou universos de ficção distintos no contexto de uma única história. Têm-se os *crossovers* não oficiais que se tratam de ficção escrita por fãs (*fanfic* e *fanart*), entretanto, prevalecem em filmes e rádio amadores. São inúmeros os exemplos de *crossovers*, o filme *Alien versus Predador*, o livro**

***Irmão Lobo*, de Carla Maia de Almeida e até games (*Kingdom Hearts*). Todavia, para mim, os *crossovers* mais pertinentes tratam da dicotomia tradição *versus* moderno, isto é, àqueles que combinam personagens da literatura clássica, entre si ou com cenários modernos. Para você, como observa à narrativa *crossover*? Pode nos indicar algumas obras?**

R.: Crossover, para mim, tem também a ver com mídias. A palavra foi muito usada no começo do milênio para tratar de, por exemplo, matérias no site de uma revista que tinham relação com a revista impressa. Você lia o texto impresso e a revista disponibilizava, por exemplo, os áudios de uma delação no site. Depois a discussão andou e isso tomou outros contornos, de convergência e tal. Esses atravessamentos das histórias, dos tempos, dos cenários são bem comuns e muito interessantes. Podem se confundir, em alguma medida, com a boa e velha intertextualidade, mas também com intermídia e remix, sampler etc. Estou pensando aqui em como fiz isso (com o perdão da autorreferência) em *E a princesa não quer casar* (YELLOWFANTE, 2023) e em *Romieta e Julieu* (RHJ, 2021), nos quais cruzei um conto oral supertradicional com questões feministas e tecnológicas atuais, no primeiro caso, e entreguei a Romeu e Julieta as tecnologias digitais do nosso tempo, sem conseguir evitar as mortes deles. Muitos livros têm sido conectados a playlists de música, como *Esperando Bojangles* (Autêntica Contemporânea, 2022) e *O Colibri* (que vai sair em 2024 pela mesma editora). É possível encontrar o personagem Coringa em mais de um filme, além do dele mesmo, sem falar em encontros entre super-heróis de histórias distintas (Superman e outros). Lembro também daqueles filmes em que se juntam

os valentões todos, Silvester Stallone e companhia. Nas novelas televisivas, gênero muito popular no Brasil, alguns personagens mitológicos zanzaram pelas tramas, mesmo que em "pontas" rápidas, caso de *O cravo e a rosa* e os personagens de Shakespeare transferidos a um ambiente rural bem nosso. Penélope, da Odisseia, é outra que está em muitos lugares, veja-se o livro premiado da Luiza Romão (*Também guardamos pedras aqui*, pela Nós), e as releituras que Adriane Garcia faz de personagens bíblicas em *A bandeja de Salomé* ou *Eva proto-poeta* (ambos pela editora Caos & Letras).

**P.: Nesta última pergunta, gostaria que expressasse algo para os jovens leitores, jovens escritores (jovem não só na questão etária, mas com relação àqueles que leem pouco ou nunca leem e, por conseguinte a produção escrita inexistente) e como eles podem influenciar e construir uma sociedade mais digital, democrática e leitora?**

**R.:** Esta é a pergunta de milhões, como diz a moçada. Começar a ler é algo que se faz a qualquer momento da vida, mas para isso é preciso que alguns elementos estejam presentes. Não é só ter acesso aos livros (claro, esse acesso é indispensável). O Brasil tem um dos mercados editoriais mais pujantes do mundo, com todas as suas crises e dificuldades. É preciso que os livros, a leitura e a escrita tenham *valor*, e isso não tem relação só com dinheiro, mas com o simbólico, com o incentivo, com o prestígio. É preciso que as pessoas que desejam se tornar leitoras (para além da alfabetização) encontrem interlocução, curadorias, mediações (não censura, isso é outra coisa). É preciso que as pessoas tenham tempo. O tempo é um bem pelo qual os trabalhadores

e as trabalhadoras sempre brigaram. Um operário que tinha de ficar na fábrica 14h por dia não difere muito de uma pessoa que gasta isso para ir e voltar do trabalho hoje. No caso das mulheres, ao chegar em casa, ainda vão cumprir uma jornada de cuidado e trabalho doméstico invisível, não remunerada, exaustiva, repetitiva e consolidada/normalizada pela divisão sexual do trabalho. Uma sociedade mais democrática pode incluir que a leitura chegue a todos e todas, e que as tecnologias digitais também, assim como outras tecnologias. Mesmo lendo relativamente pouco, lemos mais do que escrevemos. Escrever também precisa ter valor, ser entendido como uma força, um *poder* (via Maurizio Gnerre e outros) e um direito. Infelizmente a escrita fica posicionada como uma obrigação e um elemento meio periférico. Isso precisa ser pensado e visto para muito, mas muito além do Enem. Ler e escrever, claro, são compromissos da escola com as pessoas e suas formações, mas também vão muito além dela. O compromisso é ubíquo, contínuo e de todos/as.